

## **VOZES DO BRASIL INDÍGENA**

Monalisa Sukorski Nunes do Couto<sup>35</sup>

Faculdade de Artes do Paraná – FAP

### **RESUMO**

O presente artigo pretende relatar um recorte específico de um caminhar. Trata-se da visita que fiz ao povo Guarani da Tribo Araçaí em Piraquara, onde coletei dados sobre a sua música, registrados em caderno de campo e vídeo. O objetivo inicial era fazer um mapeamento sonoro indígena brasileiro iniciando pela região mais próxima de Curitiba. Porém, ao confrontar meus paradigmas com a vida real do povo indígena, vi-me obrigada a compartilhar pensamentos e sentimentos que geraram profundas mudanças em meu ser de artista, transformando minha forma de perceber e incorporar crenças e deslumbres.

Palavras-chave: cultura, música, indígena, relato.

### **ABSTRACT**

This article aims to report a specific focus of a walking. This is the visit I made to the people of the Guarani tribe Araçaí in Piraquara, which collected data on their music, recorded in a field book and video. The goal was to start a sound mapping starting with the Brazilian indigenous region closest to Curitiba. However, the paradigms confront my real life of the indigenous people, I was obliged to share thoughts and feelings that led to profound changes in my being an artist, making my way to understand and incorporate beliefs.

Keywords: culture, music, indian, report.

---

<sup>35</sup> Formada em Turismo pela UFPR. Graduada em Licenciatura em Música pela FAP. Professora de musicalização infantil, flauta doce e aulas de arte curricular. Produtora executiva da Produtora Cultural Parabolé – Educação e Cultura. Integrante de grupos musicais de Curitiba como flautista. Professora de música e artes da Casa Labirintos Lúdicos. Pesquisadora da tradição indígena brasileira.

## INTRODUÇÃO

Meu interesse pela cultura indígena começou com experiências pessoais em busca de uma maior conexão com a natureza e com a espiritualidade. Encontros, celebrações, participações em rituais, experiências com plantas de poder, retiros de meditação, entregas artísticas, tais como imersões em grupos de teatros, trabalhos manuais de expressão pessoal e o desenvolvimento do ato de cantar, serviram para moldar o ser que sou hoje, em constante mutação.

Após desfrutar destas experiências, passei a me identificar com características das culturas indígenas que chegavam até mim através dos conhecimentos acadêmicos, leituras, audições e acesso a documentários: o contato direto com a natureza, o respeito por todos os seres, a gratidão à energia criadora, a união e o compartilhamento em comunidade. Decidi aprofundar-me nestes domínios para compreender de onde meu sentimento de pertença provinha, se de proximidade com a tradição ou ancestralidade afeita a alguma nação indígena.

Particpei então no ano de 2005 de rodas de petã (cachimbo indígena) e celebrações guaranis nas quais brancos têm contato com a música deste povo e há o uso de erva mate e tabaco para a purificação e integração com a natureza. Buscava um maior contato com estas práticas ancestrais que não conhecia e respostas internas despertadas por este contato próximo com a natureza. Cada vez mais me senti em harmonia com o que vivenciava.

Desde 2003 vivi experiências com ayuasca (bebida considerada de poder para os indígenas) e da aplicação de kambô (substância curativa extraída de uma espécie específica de sapo), nas quais pude entrar em contato com questões mais subjetivas e internas minhas devido à reação a estas substâncias e a entrega aos rituais espirituais que participava, despertando a vontade de me aprofundar mais em experiências semelhantes.

Em 2006 conheci o ritual de temaskal (tipo de sauna úmida da tradição dos índios norte-americanos) no qual nos entregamos a mãe terra em contato direto com o fogo, as pedras, a terra, o calor e os cantos sagrados que nos dão força para continuar no ritual. Vivi momentos de muita cooperação entre as pessoas envolvidas para a construção e cobertura da tenda necessária, a busca de lenha, a manutenção do fogo e o compartilhar dos processos pessoais de cada indivíduo que participava. Depois de participar de vários temaskais até atualmente, em 2012, percebo o quanto este ritual me trouxe um alinhamento dos meus pensamentos, uma confiança mútua interpessoal, um contato íntimo com a natureza e uma força interna despertada pela necessidade de aguentar o intenso calor do interior da sauna sem desistir.

Não sabia exatamente como concretizar a documentação destas minhas vivências, ou se esse relato serviria a uma pesquisa científica. Com o olhar voltado as práticas rituais e cotidianas de várias comunidades indígenas brasileiras, sentia que se realizasse um trabalho meramente externo e de consulta a bibliografias, vídeos e CDs, eu não ficaria satisfeita. O que eu desejava era estar em contato com povos indígenas de fato, confirmar minha possível ancestralidade, viver na natureza, com suas dificuldades e maravilhas. Um viver que não se constrói na correria da cidade.

Sou branca, vou à faculdade, trabalho todos os dias, faço compras supérfluas, tenho necessidades de gente da cidade. Tais aspirações afastavam-me cada vez mais do intuito de mergulhar em uma vivência *in loquo*, em uma tribo que me acolhesse. Esse era um estereótipo que eu julgava viável: entrar em território indígena e me tornar um deles, pela generosidade deles. Acreditava na pureza, na inocência de infância que reveste as nações indígenas. Ao mesmo tempo em que havia o desejo de aproximação, também havia a percepção de uma distância grande, de um abismo construído socialmente entre mim – branca da cidade – e povos ancestrais dessas terras brasileiras, presentes de alguma forma em todos nós. Segundo dados obtidos no programa televisivo *ONCOTO*, que foi ao ar em março de 2011 pela TV Brasil, são cerca de cento e oitenta povos distribuídos pelo território nacional, donos de um número quase igual de idiomas, cada um destes grupos étnicos com tradições e costumes específicos, regidos por leis brasileiras nem sempre adequadas a seus propósitos.

## RELATO DE PESQUISA

Dei início ao processo de busca por informações gerais sobre culturas indígenas no Brasil entre agosto e setembro de 2011. Foram consultados periódicos, DVDs documentários, dentre os quais, a série “Índios do Brasil”, CDs gravados pelos índios guaranis: “Guata Porã - O canto sagrado Guarani”, em parceria com João Poti e “Tapé Mirim - Caminho Sagrado” do Grupo Meyá Guarani, Tekoá Itaty da Aldeia Morro dos Cavalos, além de outros áudios de referência, como as pesquisas realizadas por Marlui Miranda, Magda Pucci e Oliver Shanti.

Três filmes relacionados ao tema podem ser aqui incluídos por apresentar um panorama geral sobre a cultura indígena brasileira anterior a colonização e mostrar a interferência dos brancos nesta tradição cultural brasileira: “A Missão” de MELROSE, Barrie e WESTLEY, Bill; “1492: A conquista do paraíso” de SCOTT, Ridley e GOLDMAN, Alain e “Xingu: a trajetória épica dos irmãos Villas Bôas” de Cao Hamburger.

Durante a pesquisa bibliográfica comecei a perceber que o material era extenso e diversificado, o que dificultava o estabelecimento do foco da minha investigação. Encontrei dados sobre as características culturais de muitas tribos brasileiras: os Iauanawá, Katukina e Ashaninka do Acre, os Kamayurá do Xingu (MT), os Pankararu de Pernambuco, os Krenak de Minas Gerais, os Krahô do Maranhão, os Guaranis do Sul, entre outras. Numa primeira análise de dados, procurei estabelecer semelhanças e diferenças entre esses povos, mas logo percebi que, se eu insistisse nesse caminho, necessitaria de um longo tempo para sair da superficialidade, além de incorrer em uma compilação de informações já registradas.

Há bibliografia restrita sobre a música de cada tribo. Servi-me, para o presente trabalho, de algumas referências tais como, Rafael Bastos, Acácio Piedade, Deise Montardo e Maria Mello. Há certa quantidade de registros áudio visuais documentando encontros entre brancos e índios, assim como entrevistas com antropólogos e pesquisadores, mas, diretamente focando o tema da música enquanto cultura e expressão das tribos, não consegui encontrar nenhum material que me mostrasse as diferenças sonoras e culturais musicais. Tive alguma facilidade para acessar na Internet CDs gravados ao vivo, como o trabalho já citado com os índios guaranis. Também travei conhecimento com algumas performances realizadas por brancos utilizando influências sonoras das músicas tribais, como no CD “Viagem pelo Brasil: memória musical Brasileira” de Ana Kieffer, Gisela Nogueira e Edelson Gloeden e no CD “A modernização da música primitiva”, de Claudinho Brasil.

O objeto inicial desta pesquisa era investigar como as tribos encaravam o fazer musical. O que a música representava para elas e quais as diferenças sonoras que poderiam ser encontradas nas diversas etnias. Meu primeiro impulso foi delimitar, em forma de mapeamento sonoro, a música indígena brasileira. Esse passo, entretanto, implicaria viajar aos mais diversos nichos culturais em busca das reservas, a fim de proceder a coletas de temas musicais, o que me pareceu inviável para minhas condições reais de pesquisa. Decidi, pois, gerar por observação um conteúdo para o presente artigo, participar ativamente da pesquisa. Decidi fazer um contato direto próximo a Curitiba.

Consegui contato com uma estudante de música que havia sido professora de artes em uma escola na tribo Guarani de Piraquara, há 30 km de Curitiba. A estudante precisava visitar a tribo novamente para fazer uma pesquisa antropológica cujo tema era *a música enquanto cultura indígena*. Esta colega e outra tornaram-se minhas companheiras de experiências nas duas visitas que fizemos a tribo Araçaí de Piraquara. Obtivemos na ocasião um vídeo-depoimento de registro

com o ancião da tribo. Algumas colocações a respeito de como a música permeia o viver deles foram descritas por esse ancião. A partir dessas visitas, minha compreensão do caminho desta pesquisa mudou. Compartilho a seguir as reflexões que me surgiram, transcritas de meu caderno de campo.

### **VISITA AOS GUARANIS**

No dia primeiro de outubro de 2011 fui visitar a tribo indígena Guarani Araçaí localizada em Piraquara, para um primeiro contato. Eu precisava obter autorização para gravar um vídeo-depoimento com dados para análise etnomusicológica do universo indígena. De posse dessa permissão após uma conversa com o cacique da tribo que nos concedeu verbalmente este direito e nos orientou com quem poderíamos conversar, combinei com o responsável por intermediar as visitas um retorno a aldeia para uma semana depois.

Neste dia tive o prazer de fazer um passeio agradável com algumas crianças e jovens da tribo que já eram amigos da minha companheira de experiências, por isso minha interação com eles foi um pouco facilitada. Percebi que são extremamente fechados com quem eles não conhecem, são muito tímidos ou têm um certo receio das atitudes dos brancos, pois pareciam me encarar com desconfiança. Eu estava tão aberta e querendo aquela convivência, mas parecia que para eles eu era mais uma branca que iria tirar algo deles.

No local das moradias é possível perceber um desleixo com as coisas, talvez porque ganham muitas roupas e objetos e acabam não valorizando. É possível ver roupas e lixo espalhados pelo chão e concentrações de sacos plásticos a serem jogados fora. Há também um macaco de estimação preso a uma árvore por uma corrente e televisores de LCD transmitindo novelas e grandes rádios tocando música sertaneja ou funk carioca.

As casas não são mais construídas de maneira tradicional, pois é proibido cortar árvores do local. As comidas são compradas de um vendedor que vai até a tribo toda semana, pois a terra deste local para onde foram remanejados é ruim para o plantio. As crianças competem pela nossa atenção e carinho. Os adultos não nos cumprimentam. A bela experiência receptiva e a troca que esperava não foram tão fáceis assim... Ser uma pesquisadora, entrar no ambiente deles, esperando uma ótima recepção foi ilusão. De acordo com o índio que nos recebeu, eles já estão cansados de participarem de pesquisas e não saberem o que aconteceu com o material coletado. Conseguimos uma comunicação um pouco melhor com ele, pois ele já frequenta a universidade e

entende um pouco mais da importância destas pesquisas, mas a interação com a maioria dos indígenas foi difícil.

Na semana seguinte em conversa com o cacique da tribo sobre o meu interesse em pesquisar a música deles e fazer uma filmagem de registro, obtive como resposta que ele não tinha tempo para esta questão, pois precisava ir para a cidade. Passou então a responsabilidade para um de seus filhos, o qual quando perguntado sobre sua música disse que não podia responder, porque a música era sagrada e muito íntima da cultura deles, que era preciso consultar o cacique para saber o que ele podia e devia dizer. Argumentou ainda que precisava de um tempo para se preparar, pois não havia sido informado do combinado, que voltaríamos naquele dia. Ninguém havia informado da nossa ida na semana anterior e comunicado que voltaríamos.

Pude perceber que o tempo é outro para eles. A princípio eu tinha que voltar para Curitiba na hora do almoço, pois ainda trabalharia a tarde e isso havia sido combinado verbalmente na semana anterior com o filho do cacique que havia nos recebido. O tempo necessário para desenrolar o processo das entrevistas que eu considerava óbvio: chegar no local, armar a câmera e falar com o responsável na hora marcada foi outro. Tivemos que ser bem paciente e persistente para conseguir as entrevistas e filmagens.

Obtida a autorização para filmar, após umas duas horas de conversas com várias pessoas, o ancião da tribo e um tradutor foram convocados. O índio mais novo ressaltou que não conseguia traduzir tudo para o português, pois não existem palavras e expressões para algumas ideias da língua guarani. Não posso deixar de ressaltar que só conseguimos esta realização, pois a diretora da escola local, uma branca que já mora com eles há sete anos, interferiu e nos ajudou, pedindo a autorização para os responsáveis, além de mediar a difícil negociação para que alguém qualificado pudesse nos atender.

Quando eu estava conversando com os responsáveis e pedindo permissão para a gravação do vídeo de depoimentos do ancião, chegou um ônibus de excursão de uma igreja com muitas crianças e adultos. Levavam muitas sacolas de doações e em troca pediram: “será que os indiozinhos podem dançar para a gente?”. Só faltou perguntar onde colocavam a moedinha! O índio responsável pensou, conversou com outros e negou. Concordei e pude perceber que apenas a doação não tem um grande valor. Aquelas sacolas de plástico ficaram lá representando toda a distância entre a cultura natural, harmoniosa e de contato com a natureza com a qual me identifico. Amostra triste de representação do que a cultura dos guaranis se transformou: recebimento de doações em troca de algo. Sempre a troca presente, desde a colonização do país,

agora é em troca de uma vivência exótica, de um olhar sobre a figura singular e diferente. E eu, o que trocaria com eles? Tentei fazer e ser diferente, não seguir este padrão, mas ainda estou refletindo se consegui.

O processo transcorreu como esperado e no prazo estabelecido, consegui gravar o vídeo com um relato significativo da abrangência da música para a tribo, assim como registros de danças e músicas. Após finalizar a edição irei disponibilizar no site do you tube, conforme combinado com eles, esse registro, postado com o título de “A música na Aldeia Guarani Araçaí”. Esse movimento, de abrir o conteúdo ao grande público, foi a forma como entendi de compartilhar o que vi e a comoção a mim causada, e que outros podem vir a se dar conta. Surpreendi-me com a realidade vivida pelos índios guarani desta tribo.

No final da tarde desse dia aventurei-me a dar um mergulho na lagoa com as crianças e uma mulher, uma índia linda, muito forte com seu petã em mãos e longos cabelos negros. Conversamos um pouco, mas o maior tempo foi em silêncio regido pela fumaça do petã.

Ela devia ter uns 40 anos, era mãe de duas crianças que nadavam na lagoa. Comentou que estava com problemas com seu marido e talvez fosse sair desta tribo, achei a situação delicada e por isso respeitei este momento de tranquilidade e silêncio. Para mim foram minutos inesquecíveis, valeu-me pelo dia de esforços. Em alguns instantes ficamos somente eu e ela, sentadas na beira da água, comungando em silêncio nossa reverência à natureza. Estava estabelecido o primeiro contato não verbal real entre branca e índia. Lindo! Pude entender um pouco o que julgava real e o que era idealização para mim no viver indígena, através dessa breve conexão.

## **REFLEXÕES ADVINDAS**

Em novembro de 2011, decidi por transformar meu caderno de campo no presente artigo. Entendi que relatar a experiência de tomar notas enquanto andava pela aldeia e procurava fazer contato, um contato árduo, de poucas palavras, seria mais significativo para o povo em foco e para o público em geral que adornar-me de um repertório musical que não me pertence e então fazer com ele novas composições para cantar, como era o desejo original do projeto de iniciação científica e artística que elaborei no início do ano letivo.

Antes de iniciar a redação desse artigo, pensei em desistir da pesquisa. Por sentir que penetrar no universo alheio é tarefa muito mais complexa e comprometida com a verdade do outro que eu poderia supor. Senti-me, no papel de pesquisadora-artista, usurpadora de

conhecimentos alheios. Tendo como base as sensações vividas pela primeira vez em campo, bem como inspirada pelo impacto causado com a quebra dos paradigmas que eu cultivava com apreço sobre o povo indígena – eu perdera a inocência infante e então, passei a organizar este memorial.

O que havia vivido nas duas sessões que pude obter junto aos Guaranis, os sentimentos que me foram despertados nesses encontros, as percepções que pude depurar dos breves momentos em que pisei sua casa, sua terra e as reflexões que me acompanham desde então – muitas eu ainda não sei traduzir em palavras, dão forma ao presente relato. Algumas questões ainda latejam em mim e por isso, em janeiro de 2012 parei de cantar as músicas indígenas que eu conhecia. Todo o propósito de minha pesquisa foi abalado. Por que continuar pesquisando algo a que os próprios indígenas não veem propósito? Pelo contrário, têm receio dos pesquisadores que passam por lá fazendo perguntas e nunca mais retornam com o resultado do que foi pesquisado. Perdi a perspectiva de continuidade, de futuro. Essa aflição me acompanhou até março, quando tive a oportunidade de acrescentar ao trabalho um novo fôlego.

### **TRIBO FULNIÔ**

No dia 11 de abril de 2012 fui a apresentação e bate papo com a Tribo Fulniô de Pernambuco, realizado na Faculdade de Artes do Paraná. Foi mais uma noite de inspiração, de muitos pensamentos e reflexões instigados pelas tantas contradições que vivemos nesta sociedade injusta de hoje.

As danças e cantos dos Fulniô são maravilhosos. Danças dos guerreiros, dos anciões, cantos de extrema força e energia louvando a natureza, os deuses e a energia criadora. As palavras do ancião da tribo foram tão tristes e desalentadoras quanto às do ancião da Tribo Araçaí. Quase fizeram chorar as pessoas mais envolvidas e atenciosas que estavam presentes. Eram palavras de desgosto, revelando mortes contínuas de indígenas pelas mãos de brancos cruéis que não percebem o valor do povo, diferente do branco. Povo este que faz parte da natureza e da raiz do Brasil.

O ancião disse palavras de preocupação com o planeta, que se enfraquecerá sem o conhecimento e força dos povos indígenas, e o mais incrível, ao ser perguntado sobre qual era a importância do branco para os indígenas, vieram palavras de respeito ao branco – nas trocas de conhecimento, de reconhecimento da ciência e dos estudos dos brancos. Apenas uma pequena ressalva, a necessidade do branco não fazer mal ao indígena como tem feito há séculos. Muito interessante foi perceber que mesmo tendo todo o conhecimento sobre a injustiça, a

discriminação e as dificuldades que muitos brancos impõem aos povos indígenas, o ancião dos Fulniô parecia não guardar rancor ou ódio pelos brancos, seu olhar era sincero, seu perdão era autêntico para com o povo que quase exterminou o seu.

Quando a palestra abriu espaço para perguntas, questionei ao ancião sobre o que ele achava de alguns brancos conhecerem as músicas indígenas e começarem a cantá-las. Para minha tranquilidade, ele me respondeu que achava bom, “só não fazer coisa errada” e ganhar dinheiro com esta prática, mas que assim as pessoas poderiam conhecer a cultura e língua deles. Esta afirmação confortou-me, tendo em vista meu gosto em cantar músicas indígenas, que aprendi durante esses anos, sempre com muito respeito e gratidão por este conhecimento.

Essa afirmação foi diferente da visão do ancião guarani quando questionado com a mesma pergunta durante minha visita à tribo de Piraquara. Ele disse que os brancos não sabem o que estão cantando e que não faz sentido cantarem, porque a música para eles é religião, é sagrada, e para tal precisam sempre estar em conexão com o significado das palavras e intenções das músicas, que cada uma tem um poder e uma finalidade específica dentro da cultura guarani. Saber dessa opinião fez com que eu revisse minha postura diante do cantar as músicas guarani que conheço, mesmo tendo sempre praticado tal repertório com total respeito e conhecimento da tradução das letras. O ancião guarani fez-me sentir incapaz de compreender toda a profundidade daquelas músicas. Para índios a música faz parte de um viver, de uma prática diária de celebração, louvação e contato espiritual. Contudo, não seria eu a quebrar tal comportamento reverente, já que estava em mim a reverência de colocar num pedestal os povos indígenas, um sentimento ancestral ou herança da educação que tive, que celebra as três raças como formadoras do povo brasileiro – índio, português e negro.

Confrontando as culturas, ao ser questionado sobre a prática da FUNAI, o ancião Fulniô simplesmente respondeu: “a FUNAI é fraco. Já foi boa, mas agora morreu, é fraco”. Outro artigo será necessário para tratar deste aspecto, mas posso afirmar que é só conhecer um pouco da realidade das tribos e dos empecilhos que os brancos ainda causam no viver desses povos para perceber que o órgão que deveria defendê-los não o faz.

Todos os dias ainda aparecem nos noticiários mortes desonestas de índios que reivindicam o uso de suas terras ancestrais. Os indígenas são expulsos de suas terras e remanejados para áreas inférteis ou impedidos de plantar, como é o caso da tribo Araçaí. Eles são impedidos de fazer suas casas tradicionais com o uso de árvores nativas, pois é proibido cortar árvores. São proibidos de plantar porque não podem roçar a terra nativa e o solo da região para onde foram remanejados é

ruim. Vivem então das doações de brancos que se identificam com a causa, dos artesanatos que são feitos somente para venda na tribo e na cidade, e de farelos que o governo disponibiliza diretamente para eles.

Os guaranis têm agora outras necessidades que os fizeram mudar de vida. Precisam trabalhar trabalho de branco para conseguir dinheiro para comprar comida, vestimenta e moradia. Não podem mais ter suas atividades tradicionais de sobrevivência direta em contato com a terra. Da mesma forma os Fulniô, que se deslocam desde Pernambuco até o sul para mostrar sua cultura e para vender seus artesanatos e conseguir um dinheiro para sobreviver, sendo que antes todo o viver estava no cio da tribo, na sua região, no cultivo e compartilhamento com a natureza.

Viver este encontro com os Fulniô e presenciar toda sua força de espírito, de canto e dança, me deu alento para continuar meu trabalho. Aprendi com essa experiência que me identifico com a minha cultura pessoal e que sou tudo isso que vivi. Sou o indígena, sou a branca, sou a natureza, sou a música, sou a arte e o respeito por tudo isso. O que posso considerar neste momento é que todos nós devemos olhar para nós mesmos e perceber o que há de mais especial, que somos únicos. Não há identificação com o exterior, não há busca externa que nos complete. Nós somos nosso complemento, nós somos nossa riqueza. Agora, ao invés de cantar as músicas indígenas que aprendi, estou fazendo minhas músicas, autorais, procurando transmitir nelas tudo que eu, branca, conheço desta vida, todos os valores e sentimentos que possuo e posso traduzir em música, o que é mais verdadeiro e que pode contagiar e transformar quem a ouve, revelando a sensibilidade que eu procurava no externo e que está dentro de mim, traduzido em música. Tudo o que vivi está contido nela e com certeza todo esse processo de pesquisa também.

O filme “Xingu: a trajetória épica dos irmãos Villas Bôas”, de Cao Hamburger que estreou no Brasil em 2012 é mais um exemplo de como o ser humano pode ser cruel. Como pode a ganância ser maior do que a vida de outros seres humanos. Como o egoísmo pode ser tão grande a ponto de não se valorizar os ancestrais indígenas, povo da natureza, povo da mata, povo da terra. No filme se diz que aquelas terras povoadas por índios eram de ninguém, mas o “ninguém” eram os índios daquelas regiões. Já eram donos daquelas terras, já extraíam dela seu viver. Há muito ainda o que trabalhar para tornar mais amena esta trajetória. Há muito o que escrever sobre desrespeito.

Para entender um pouco mais sobre a região do Xingu, o artigo de Maria Mello: “Música e mito entre os Wauja do Alto Xingu”, faz uma explanação antropológica e musical de algumas etnias da região. Ler esse artigo me deixou mais convicta de que esta pesquisa irá se estender

ainda mais pela minha vida. Que preciso de maior preparo para transformar meu estudo teórico em uma apresentação artístico-musical com profundidade verdadeira, principalmente relembrando da performance de Marlui Miranda que assisti em 2011 em Curitiba na Capela Santa Maria, com o grupo da Camerata Antiqua. Sou ainda embrião de minha idéia.

## CONCLUSÃO

Pretendo abrir o coração de outras pessoas, sensibilizando-as a conhecer estas culturas e povos subjugados dentro do Brasil, incentivando outras pesquisas e a transmissão destes conhecimentos embutidos na terra e na natureza.

Depois de questionar, pela experiência de campo, o porquê de, uma branca como eu, querer cantar músicas que não fazem parte de minha cultura, ao menos diretamente. De considerar que, por mais respeito que eu sinta, não possuo uma compreensão profunda do sentido dessas músicas. Que as traduções que conheço não foram feitas por mim, que não são completas de sentido, pela falta de palavras em português para expressar o que querem dizer, começou não me parecer suficiente o material que angariei para construir uma performance. Fazer uma apresentação artística musical com musica guarani não tinha mais sentido para mim. Uma apresentação como aula-show pareceu-me mais honesto. Expor minha vivência reflexiva e o conteúdo cultural que consegui registrar, mais sensato. Assim poderia despertar outras reflexões pessoas para estas questões.

Ressalto o pensamento de Beudet utilizado por Piedade em seu artigo: “Reflexões a partir da etnografia da música dos índios Wauja” no qual:

Ele parte do princípio de que esse universo não pode ser entendido como autônomo e de que as músicas das terras baixas devem ser estudadas de forma integrada aos outros domínios da cultura. Essa abordagem holística é defendida também para o caso interno, em relação à própria música. Teoricamente, Beudet professa a ideia de que a música não pode ser vista como uma consequência da estrutura social, mas, sim, como um importante meio — entre os wayãpi, tipicamente de comunicação — para constituir e organizar a sociedade (...) a essência da música wayãpi, que, como um todo, é entendida pelos índios como algo preexistente, natural — isto dentro de uma concepção da natureza e do cosmos plena de culturalidade. Nesse contexto, particularmente a música *tule* pode ser vista como um jogo político (faccional), por intermédio do qual é possível ouvir a sociedade em sua contínua alternância entre cooperação e competição. (Piedade, 2006, p.10)

Como eu posso querer cantar as músicas indígenas se elas fazem parte de uma cultura que é tripartite em mim? Ainda há um longo caminho a percorrer se quero mesmo poder compartilhar esta prática. O primeiro passo é compreender a cultura indígena como parte do multiculturalismo

brasileiro. Outro ponto a se considerar é a complexidade da prática musical indígena, muito mais que entretenimento e passatempo. A relação musical essencialista demarca a diferença entre “nós” brancos e os “outros” indígenas. Tratar esse tema superficialmente parece incitar conclusões imediatistas, perpetuar pré-julgamentos, sem proceder a uma imersão real na vida cotidiana dos povos estudados nesta investigação.

Na segunda visita que fiz a tribo guarani pude perceber as relações de poder mais internas e como a ideologia e o viver indígena em que nós brancos acreditamos já não existe mais. Percebi que o viver indígena com que me identificava era idealizado. O contato com a natureza para os guaranis daquela tribo quase não existe mais. O Ibama e a Funai impedem isso. A Rede Globo impede isso. Há alguns anos, os guaranis se reuniam todas as noites na casa de reza para celebrar e fortificar suas tradições, mas esta prática nunca foi obrigatória. Hoje muitos preferem ver as novelas na televisão a participar destes rituais.

Minha intenção, ao visitar os guaranis e entrevistar um ancião, levantando questões relacionadas a sua cultura, com foco na música, também foi uma forma de fazer com que os índios mais novos soubessem deste conhecimento. A estudante que me facilitou as negociações com a tribo já havia trabalhado na escola do local e me preveniu de que eles não se interessam em perguntar e reconhecer suas próprias tradições. Muitas questões típicas e essenciais para a manutenção da cultura já não atraem aos jovens indígenas, que não demonstram preocupação com raízes e antepassados. Parece-me que eles admiram mais o viver dos brancos do que o deles.

Muitos conhecimentos ficam restritos a memória dos anciões, que já estão descrentes quanto ao repasse dos ensinamentos. Os mais velhos relatam que muitas características essenciais do viver deles já mudaram. Aspectos contemporâneos dos brancos estão dominando suas práticas culturais, como o próprio registro geral de identificação, o RG, que os índios já possuem, caracterizando-se agora não mais como uma nação indígena, e sim como cidadãos brasileiros que moram em vilas e aglomerações de casas e dependem de doações do governo e de iniciativas isoladas de ajuda para sobreviver.

A excursão da igreja encontrada na tribo Araçaí, anteriormente mencionada, os olhava com superioridade, como estranhos, exóticos, quase alienígenas, com pena. A cultura dos guaranis é muito diferente sim, mas eles são, antes de qualquer argumento científico, seres humanos como nós brancos, amarelos, negros... com desejos e vontades pessoais, disputa de poder, relações sociais complicadas, dificuldades e facilidades no viver. Quando a entrevista estava encerrada, ganhamos um presente: o que eles haviam negado para a excursão da igreja, fizeram para nós.

Cantaram e dançaram três músicas. Por quê? Para mim foi uma confirmação de que eles me perceberam de uma forma diferente, perceberam a boa intenção e integração entre mim e eles. Eu não levei nada para doar, somente meu coração aberto e minha vontade de conhecê-los.

Nesse momento na aldeia guarani Araçaí está acontecendo uma forte disputa pelo poder. O cacique está passando seu posto para um de seus filhos. Ainda não está decidido qual deles, mas o que se pode perceber claramente é que a família do cacique tem muitos privilégios e se comporta com superioridade perante os demais. Fala-se que uma das filhas do cacique é bem mal-educada, trata os demais mal e com ar de superioridade. Seu filho passou por nós e nos ignorou passando com pressa quase sem nos olhar, dizendo que era hora sagrada de comer.

A visão de Beudet contribuiu muito para a evolução da pesquisa antropológica musical, conforme expresso nas palavras de Piedade (2006, p.13): “Para a etnomusicologia, particularmente, isso significa uma fértil libertação do modelo dilemático e ilustrativo — que se cristalizou nos anos 60 (...) segundo o qual a “música” é vista como um exemplo inerte dos significados da “cultura”.

Presenciar o choque do viver com sensibilidade e contato direto com a natureza dos vermelhos confrontado com a barreira de cimento e violência dos brancos deixou-me aflita durante algum tempo. Sentimento que revivo agora escrevendo este artigo-memorial. Não sei de onde vem esta ligação tão profunda entre a história e o pesar dos vermelhos e da minha própria história. Desejo cantar para saber.

## REFERÊNCIAS

MELROSE, Barrie; WESTLEY, Bill. **A Missão**. (FILME- VÍDEO). Produção de Barrie Melrose, Direção de Bill Westley. Colômbia e Argentina, Goldcrest Limited, 1986. Color. NTSC, 124 min.

SCOTT, Ridley; GOLDMAN, Alain. **1492: A conquista do paraíso**. (FILME – VÍDEO) Produção de Ridley Scott e Alain Goldman, Direção de Ridley Scott. Inglaterra e Costa Rica, Percy Main Legend, 1992. Color. Stereo, 148 min.

Cao Hamburger; Fernando Meirelles, Andrea Barata Ribeiro & Bel Berlinck. **Xingu: a trajetória épica dos irmãos Villas Bôas**. (FILME- VÍDEO). 2011. Color. Stereo, 150 min.

BASTOS, Rafael; PIEDADE, Acácio. **Sopros da Amazônia: sobre as músicas das sociedades Tupi-Guarani**. *Mana* 5 (2): 125-143, 1999.

MELLO, Maria. **Música e mito entre os Wauja do Alto Xingu**. 1999. 214 p. Dissertação. (Pós graduação em Antropologia Social). UFSC. Florianópolis, 1999.

MONTARDO, Deise. **A música como “caminho” no repertório do xamanismo guarani**. *Revista Antropológicas*, ano 10, vol. 17 (1): 115-134, 2006.

PIEADADE, Acácio. **Reflexões a partir da etnografia da música dos índios Wauja**. *Revista Antropológicas*, ano 10. Vol.17 (1): 35-48, 2006.